

ANJOS CAÍDOS

Lívia Barbosa
Universidade Federal do Pará

RESUMO

Analisou-se o mito bíblico do Anjo Caído, em Mario Quintana, como procedimento estilístico, a partir de elementos semiológicos, principalmente. Examinou-se o papel dos anjos no processo de comunicação. Verificou-se a relação estabelecida entre os atributos e ações angélicos e a criação poética. Concluiu-se por uma aproximação dos anjos à condição humana.

PALAVRAS-CHAVE: Anjo; queda; criação poética; comunicação; semiologia.

RÉSUMÉ

On a analysé le mythe biblique de l'Ange Déchu, chez Mario Quintana, en tant que procédé stylistique, surtout d'après des éléments sémiologiques. On a examiné le rôle des anges dans le processus de communication. On a vérifié le rapport établi entre les attributs et les actions angéliques et la création poétique. On est arrivé à la conclusion qu'il est possible de rapprocher les anges à la conditions humaine.

MOTS-CLÉS: Ange; chute; création poétique; communication; sémiologie.

*Quem me vê assim cantando
Não sabe nada de mim
Dentro de mim mora um anjo
Montado sobre um cavalo
Que ele sangra de esporas
Ele é meu lado de dentro
E eu sou o seu lado de fora*
Sueli Costa

*Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida.*
Carlos Drummond de Andrade

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPA

Quando eu nasci veio um anjo safado
 O chato de um querubim
 Que decretou que eu estava predestinado
 A ser errado assim
 Já de saída minha estrada entortou
 Mas vou até o fim
 Chico Buarque

No final dos anos 40, Mario Quintana publica seu primeiro livro, os sonetos de *Rua dos Cataventos*. A partir dessa estréia literária, os céus gaúchos — e em breve, os brasileiros — começam a encher-se, pela pena do poeta, de uma “revoada de asas”. Anjos. Abundantes, vários, a perpassar-lhe a escrita, poemas e prosa poética a abrigar recorrente presença alada. Ali desfilam anjos tristes, irônicos, cruéis, etéreos, líricos, ridículos, luminosos, compassivos, trazendo à tona os velhos embates entre luz e trevas, vida e morte, danação e salvação, condição humana e caráter divino. A constância com que se manifestam ao longo de toda a obra do poeta sugeriu o assunto deste ensaio, a partir de inevitável curiosidade: mas o que vêm fazer, tão insistentemente, os anjos, nos textos de Mario Quintana? Como se apresentam? Servindo a que propósitos? Apesar da multiplicidade encontrada, vamo-nos deter, particularmente, na figura do Anjo Caído ou do Anjo Rebelde que incorre em desgraça diante do Criador.

Respondendo, em suposta entrevista, à pergunta formulada quanto à efetiva existência de seres angelicais, diz o poeta em *Caderno H*: “Devem existir, por certo, em vista da insistência com que aparecem em meus poemas.” (Quintana, 1983, p. 69 – Trecho de Entrevista, CH) A resposta poderia incluir: “e nos textos de todos os tempos”, uma vez que as referências a anjos, longe de serem prerrogativa dos escritos de Quintana ou de quem quer que seja, perdem-se nos séculos: o Talmude, a Bíblia, variadas correntes esotéricas e outras tantas fontes místico-religiosas registram-nos fartamente; o imaginário popular retoma-os amiúde em canções, casos, racontos, credices; numerosas manifestações

artísticas (pintura, escultura, literatura, cinema, para citar algumas) usam-nos como tema, sem esquecer o próprio mercado de consumo que, aproveitando o clima da chamada Nova Era e a renovação da busca pelo espiritual a cercar a transição para o terceiro milênio, cria vasto material comercializável, que torna disponível profusa parafernália, dentre livros, amuletos, velas, imagens e assemelhados, a todos aqueles que desejem conhecer mais sobre ou assegurar a companhia mais próxima de anjos protetores.

O poeta define, como Anjo, um “ser celestial metediço na vida terrena, uma espécie de Relações-Públicas de Nosso Senhor” (Quintana, 1983, p. 32 – Anjo, CH). A etimologia nos diz que a palavra vem do persa *angaros* (Ronner, 1995, p. 126), do hebraico *malach/malachim/malaki* ou *malacai* (referidos, também, no Velho Testamento como maleaquins), do grego *aggelos/aggeloi* e do latim *angelus/angeli*, significando mensageiro ou aquele que é um delegado, um representante (<http://www.raphael.net/Scripture/angels.htm>). Na primeira acepção, trata-se de um emissário, um portador de notícias; no segundo caso, diz respeito a um embaixador — além do conteúdo que deve enunciar, acumula a função de substituir provisoriamente uma autoridade maior (na teologia tradicional, age em nome de Deus). Em ambas as situações, portanto, atua como ponte entre o humano e o divino, e, num sentido mais voltado às teorias da comunicação, como elemento de ligação entre Remetente e Destinatário, canal a mediar a mensagem entre Emissor e Receptor.

Se tal é a definição da palavra “anjo”, não o seríamos todos, uma vez que todos transmitimos mensagens, verbais e não verbais? O contemporâneo filósofo francês Michel Serres comenta essa circunstância em seu *A Lenda dos Anjos* (Serres, 1999): todos realizamos o papel de mensageiros em uma sociedade de comunicação, o que leva à necessidade de compreender no que consiste aquele papel e de que modo funciona o processo comunicativo — quem emite, quem recebe, quem transporta, quem intercepta a mensagem, quem

a parasita e/ou interrompe. Não se trata, aqui, de um canal neutro, mas de “anjos” que podem interferir (e, freqüentemente, o fazem) no conteúdo e/ou na forma da mensagem transportada. Isso diz respeito a um conjunto de procedimentos que poderia ser chamado de *tratamento da mensagem*: (re)transmitir tanto envolve filtragem como enxugamento de conteúdos (em função de variáveis tais como disponibilidade de espaço, tempo, habilidades cognitivas por parte dos receptores-alvo, etc.), buscando manter-se fiel (se “anjo bom”), tanto quanto possível, à idéia original.

Quando, na Idade Média, os filósofos inventaram a teoria dos anjos, a *angelologia*, o que teriam em mente? Para Serres, uma utopia da sociedade de informação. Os anjos são invisíveis (ou o são na maior parte do tempo), lembra o filósofo. Como sabemos, há, entre aquele que transmite a mensagem e o receptor, alguém que realiza um tratamento da mensagem. Ora, quanto melhor esse alguém fizer seu trabalho, menos visível será tal alguém. Se ele se torna visível, trata-se de um anjo caído, um anjo rebelado: é assim que ele afirma sua presença, através da “visibilidade” a traduzir-se em interferência negativa, ao distorcer/corromper o conteúdo do que é transmitido, dando origem a falsas informações, discórdia, mal entendidos.

Para circular tanto no mundo físico quanto no espiritual, é preciso que esses anjos disponham de características especiais. A palavra “querubim”, para os angelólogos, refere-se a uma ordem de anjos logo abaixo dos serafins, sendo os querubins os guardiões dos textos sagrados, bem como da luz e das estrelas, ajudando a fazer com que o plano divino seja cumprido. No entanto, a palavra tem origem assíria (e, não, hebraica, como se poderia imaginar), com outra significação, bem anterior, referindo-se a uma criatura híbrida, um animal semelhante a um leão que ficava agachado diante do templo, com asas nas costas e uma cabeça de ancião com barba. Tratava-se, portanto, de uma criatura de corpo triplo a sugerir seus três níveis de atuação: é leão, simbolizando o mundo terreno e o corpo material, o suporte físico

de que necessita para manifestar-se; suas asas sugerem o vôo, o elevar-se acima das coisas da terra, reportando-se ao princípio espiritual, à alma; finalmente, a cabeça de um velho remete ao homem que pensa, à vida mental, à razão, à inteligência, à sabedoria. Dessa forma, para entrar no templo (para conectar-se a uma outra dimensão, a um outro mundo), é necessário um corpo triplo, de modo a passarmos da terra ao ar e deste ao pensamento. O correspondente atual, no mundo da informática, seria um tipo de permutador, objeto de corpo “triplo”, igualmente, que permite conectar computadores entre si, em rede. É mais uma vez a teoria angélica correspondendo ao conceito de comunicação (Serres, Michel).

Para relacionar-se com os mortais e influenciá-los, os anjos rebeldes, tanto quanto os anjos bons, precisam igualmente desse hibridismo, de modo a poder circular livremente nos planos físico, anímico e mental. Essa propriedade de deslocarem-se dentre as várias esferas e de tornarem-se visíveis, a seu grado, está parcialmente presente na causa da queda dos anjos, em uma das lendas que a relatam.

A origem dos anjos caídos é narrada em várias versões e, dentre as mais conhecidas, está a dos que se aliaram a Satã (do hebraico *ha-Satan*, “o adversário”)¹ durante a Guerra do Céu assim como a dos Grigori ou Vigilantes. Ambos os casos foram o resultado do mau uso do livre arbítrio que lhes fora concedido, tendo-se os anjos voltado contra seu criador. Sobre a primeira lenda, há uma teoria comum a vários textos, quanto à causa da rebelião: quando Deus fez o Homem, convocou todas as falanges angélicas para que se curvassem diante da nova criação. Nem todos os anjos ficaram satisfeitos com a solicitação divina e Satã, como o mais elevado dos

¹ Outras versões bíblicas argumentam que, no Velho Testamento, o nome *satan* designava um cargo e o anjo que o investia não era apóstata nem caído. Ele assim vem a tornar-se apenas no Novo Testamento ao emergir como Satã (com S maiúsculo), o inimigo de Deus. No início, *ha-satan* era um grande anjo, Chefe dos Serafins e cabeça da ordem das virtudes, embora um engano de Isaías 14:12 tenha-o identificado com Lúcifer. — <http://www.inil.com/users/edamoth/hier.html>.

serafins (hierarquia angélica mais próxima a Deus), recusou-se a fazê-lo, orgulhosamente perguntando: “Deve um filho do fogo ser forçado a curvar-se diante do filho da argila?”² A partir daí, tomou a liderança da falange descontente, conduzindo-a à rebelião e à disputa pelo controle do Reino dos Céus, guerra que acabou por perder, sendo os anjos rebeldes expulsos do paraíso e arremessados no inferno, lugar de fogo e eterno tormento.

Em separado às questões da Grande Batalha, há outra facção de anjos que cai em desgraça — a dos Grigori ou Vigilantes. De acordo com o Livro de Enoque, Deus enviara à Terra uma legião de anjos, para supervisionar e assistir discretamente os homens (mantendo-se invisíveis, como devem normalmente ser os anjos) no início da civilização. No entanto, aqueles traíram a confiança divina, ensinando à humanidade ciências que eram proibidas aos mortais, como a utilização de ervas, a arte da adivinhação, a astrologia e a feitiçaria. Num agravamento da transgressão, os Vigilantes encheram-se de desejo carnal pelas mulheres terrenas que deveriam proteger, assumindo forma física (tornando-se visíveis, portanto) e com elas relacionando-se sexualmente (Gênesis 6:2-4).³ Dessa união entre a carne e os espíritos rebeldes nasceram gigantes, os Nefilim, descritos como grandes heróis. Após o escândalo ter chegado ao conhecimento de Deus, os Grigori foram destituídos de seus postos e acorrentados em uma prisão celeste⁴.

² Essa lenda parece ter sido a que serviu de base ao *Paraíso Perdido*, de Milton.

³ Ainda uma vez a observação de Michel Serres quanto à “visibilidade” prejudicial dos anjos, no tratamento das mensagens.

⁴ Outra versão conta-nos que 200 anjos, chefiados por Semjaza e Azazel, atraídos pela beleza das mulheres, desceram a terra para unir-se a elas. A partir dessa união, as mulheres conceberam gigantes famintos e descomunais (alguns com mais de 3000 metros de altura) que comiam tudo o que encontravam, devorando inclusive uns aos outros. Para salvar o mundo, que havia mergulhado no caos, Deus enviou seu arcanjo Miguel (o mesmo a derrotar o dragão demoníaco no Apocalipse narrado por São João, mais adiante, no Novo Testamento) que aprisionou os anjos turbulentos nos vales da terra, onde estão até hoje à espera do juízo final. — <http://www.inil.com/users/edamoth/fallen.html>

Mario Quintana parece estar bastante familiarizado com essas versões e, de certo modo, funde-as no poema “XXXXXXXXXX”: a criação poética e o surgimento de poetas “verdadeiros” só podem acontecer, tal como na Guerra do Céu e no ato de desobediência dos Vigilantes⁵, através do cultivo de permanente atitude de rebeldia, de não submissão às regras. A obediência perpetua o *status quo*, ou seja, cultiva a imobilidade, a estagnação, enquanto a insurreição propicia uma rachadura na muralha das fórmulas consagradas, ensejando a penetração do novo, da possibilidade de criação propriamente dita.

Nada há de suave, diz o poema, no processo criativo, assim como a mansuetude tradicionalmente atribuída aos anjos é ilusória: em lugar de doce flauta soando nos páramos celestes, o que se tem é “ruflar poderoso de asas”, estupro das convenções acadêmicas e do cotidiano, no uso das palavras — “as mais belas filhas dos mortais” —, para que o novo verdadeiramente surja, novo que é tanto o gigante-herói da lenda, quanto o gigante-maldito, a não se conformar aos moldes estéticos consagrados. A luta (que é também o embate amoroso) com as palavras, desta feita, não é “a luta mais vã” do dizer drummondiano, mas a que faz nascer o poeta verdadeiro (“legítimo”) que, contraditoriamente, é, neste caso, o espúrio, o bastardo a emergir na contramão das regras, subvertendo-as. É esse choque, esse curto-circuito que resulta de se unir as duas pontas do suposto contra-senso que faz com que surja a luz (ou com que se *dê a luz*), matéria-prima dos anjos⁶, eles mesmos poetas, mensageiros, a incendiar cortinas, desvelar ocultamentos:

⁵ Não é sugestivo o nome “Vigilantes”, faca de dois gumes? Em lugar de vigiar, em nome do Senhor (da Autoridade), a manutenção da ordem, a vigilância dá-se, justamente, no sentido inverso: é preciso estar atento, alerta, para não se deixar adormecer, embalado pela receita garantida de sucesso, em detrimento do encontro da poesia.

⁶ Os anjos são tradicionalmente descritos como seres de luz e/ou de fogo, tendo, com frequência, em seus nomes, o sufixo “el” (Rafael, Gabriel, Miguel, Uriel etc.) que significa, justamente, “brilhante”, “luminoso”, “ser luminoso”. — <http://www.magicdesign.com/angelunenter.htm>

Quem disse que a poesia é apenas
agreste avena?
A poesia é a eterna Tomada da Bastilha
o eterno quebra-quebra
o enforcar de judas, executivos e catedráticos em todas as
[esquinas

e,
a um ruflar poderoso de asas,
entre cortinas incendiadas,
os Anjos do Senhor estuprando as mais belas filhas dos
[mortais...

Deles, nascem os poetas.
Não todos... Os legítimos
espúrios:
um Rimbaud, um Poe, um Cruz e Souza...

(Rege-os, misteriosamente, o décimo-
terceiro signo do Zodíaco.)

(Quintana, 1980, p. 42 – XXXXXXXXXXXX, ET)

O aparentemente contraditório, em Quintana, revela, de fato, um caráter complementar, que desdenha a fácil integração da síntese e permite a inquietante coabitação, no mesmo poema, de verdades múltiplas, verdade facetada que inclui mas não funde o veraz e o verossímil, como bem assinala Sérgio Peixoto:

Colocando lado a lado — identificando, melhor dizendo — o *real* e o *ideal*, a poesia de Quintana revela nos seus mínimos detalhes uma atitude que se compraz em buscar uma síntese que jamais se realiza, ou melhor, se realiza na não síntese que revela. Tudo isso acrescido de um sorriso que muitas vezes é dissimulado mas que sempre existe. (Peixoto, 1980, p. 56-57)

Onde o sorriso dissimulado? Provavelmente a esgueirar-se na legitimidade espúria de que nos fala o poema, oxímoro a instaurar um estranhamento na linguagem, desviando o leitor da estrada reta dos sentidos habituais emprestados às

palavras e que obrigam, pela surpresa, a considerar sob nova ótica aquilo de que se fala. O poema apresenta-nos o poeta-judas, a trair as exigências da poesia (e que acaba por suicidar-se, talvez, com a corda tecida pelos lugares-comuns); o poeta-executivo, afeito à rotina e à obediência pragmática aos modismos e às regras, lirismo bem-comportado execrado por Bandeira, “lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor” (Bandeira, 1986); o poeta-catedrático, confortavelmente arrimado nos louros conquistados. Todos têm, em comum, o voltar as costas ao Novo, portanto, à criação, à poesia propriamente dita. É isso que os torna “falsos”, apesar do reconhecimento público, em oposição à condição bastarda — essa, sim, “verdadeira” — dos poetas que nascem sob o signo da violência, fazendo ruir a Bastilha da acomodação, frutos da semente de Anjos Rebeldes (Vigilantes).

O poema em questão não tem um título feito de palavras e, sim, composto pelo enfileirar da letra “X”, que conduz a algumas veredas interpretativas: “X” é o número dez, escrito em algarismos romanos, que, para os pitagóricos, remete ao sentido de totalidade, conclusão. É o mais sagrado dos números, símbolo da *criação universal*. Reúne em si, igualmente, a idéia de dualismo, composto que é pela fórmula binária dos algarismos 1 e 0, exprimindo a idéia de movimento, vida e morte, positivo e negativo, começo e fim (Chevalier, Gheerbrant, 1990, p.333-4). Todas essas acepções são bastante pertinentes ao contexto do poema, uma vez que no título não há um único “X”, mas vários deles, sugerindo ciclos que incessantemente iniciam e terminam, num eterno retorno; a coexistência nem sempre pacífica das dualidades — vida e morte, bem e mal, anjos e demônios —, além de remeter à criação poética que pressupõe uma renovação constante, destruição seguida de reconstrução.

Tal dualidade continua presente na própria imagem gráfica da letra “X”: a disposição das hastes que se cruzam

diagonalmente parecem o desenho esquemático de um ser cujos braços voltam-se para o céu, abertos, receptivos, enquanto as pernas também abertas, de pés afastados e bem plantados na terra, ilustram, como um ideograma, o papel de canal exercido pelos anjos, “antenas” mediadoras entre os dois planos, terreno e divino; igualmente, não há um “em cima” nem um “embaixo” na figura, que permite ser voltada de ponta-cabeça sem alteração de sua aparência, podendo ser “lida” em qualquer das posições, à maneira de um palíndromo gráfico. A fileira de “XXXXXXXXXX” igualmente faz atentar para o fato de que não se trata de um único anjo rebelado, mas de vários. “Meu nome é Legião porque somos muitos”, diz o espírito satânico na Bíblia (Marcos 5:9), ratificando a idéia da presença demoníaca a manifestar-se em grupo.

O “X” é ainda a assinatura dos analfabetos (não será necessário ao criador “esquecer” o já sabido, abandonar certezas, numa confissão de permanente ignorância, para “reaprender”, permitir-se a abertura para o Novo?), além de um dos sinais utilizados para significar a anulação de algo, numa extensão da significação anterior: é preciso fazer tábua rasa para dar espaço, em si, à criação de algo. Igualmente, é eleição: marca-se com um “X” ao fazer-se uma escolha, tanto a da transgressão quanto a seleção cuidadosa das “belas filhas dos mortais” a serem fecundadas pela violação das regras, trazendo à luz gigantes adúlteros, prontos a devorar implacavelmente, como quer a lenda: devorar o convencional, o preestabelecido, devorar para apropriar-se e para deformar, devorar para conhecer (inclusive no sentido bíblico), no gozo torturado da posse impura de que fala “O lutador” de Drummond (1988, p.84). Tais escolhas e suas implicações eróticas de união pela força remetem à acepção seguinte, que descreve o “X” como uma das representações gráficas tradicionais do beijo, talvez numa estilização simplificada dos lábios franzidos, assim como a imagem faz pensar em braços atados, cruzados. De igual modo, é o

símbolo que traduz, na runa *viking* Geofu, a idéia de “presente” e de “amor” e de algum tipo de união (incluindo-se aí as uniões carnavais) ou associação, em geral bem sucedida (Clark, Willis, 1995, p.42-4).

Como vemos, todas as sugestões despertadas pelo título têm estreita relação com o poema, encerrando vários níveis de leitura possíveis. A violação de regras, uma das tônicas aí encontradas, condição para a criação poética, é anunciada desde a escolha do título, ele mesmo uma transgressão: em vez de esperadas e reaseguradoras palavras, cuja familiaridade no uso dá-nos a ilusão de um sentido pronto, topamos tão-somente com uma mesma letra — consoante sem vogal que a faça soar — misteriosamente refletida em seqüência, sala de espelhos. Como hieróglifos, literalmente “escrita sagrada”, ainda por ser decifrados, os “X” desafiam o leitor, perturbam-no, previnem-no de que não será o doce flautim das receitas de gosto fácil a soar dos versos que o aguardam, mas os ruídos de batalha e a possibilidade de a ela ser convocado, para participar ativamente de sua decifração.

O Anjo Caído, na poesia de Mario Quintana, é também aquele que acena com as tentações, buscando seduzir (*seducere*, desviar para o lado, retirar da via principal da salvação, conduzindo o seduzido para uma situação de marginalidade, contraposta à dos Eleitos):

Se eu fosse um padre, eu, nos meus sermões,
Não falaria em Deus nem no Pecado
— muito menos no Anjo Rebelado
e os encantos das suas seduções

(Quintana, 1984a, p.39 – Se eu fosse um padre, NV)

É, ainda, aquele que perdeu a razão, *alucinado* (afastado da luz), enlouquecido pela perda do paraíso, pelo passado irrecoverável:

Ah! se eu pudesse jogar-me
Às águas que já passaram,

Decerto que morreria
Ou ficaria mais louco
Do que os anjos rebelados:

(Quintana, 1984, p.127 – Canção do fundo do tempo, AHS)

No entanto, o Anjo Caído de Quintana parece ser menos aquele que se caracteriza como o rebelde, o adversário de Deus, em atitude malévola e desafiadora, contada pela lenda, para ser antes e principalmente o deserdado, aquele que foi destituído da Graça, em seus vários sentidos: tanto no de privação das benesses divinas quanto no da perda do prazer, da alegria, do encanto e da beleza. É um anjo *dépaysé*, um deslocado, o Anjo Torto de que nos fala Drummond, “desesses que nascem na sombra” (Drummond, 1988, p.4 – Poema de sete faces) (mais uma vez o estar apartado da luz que lhe era a condição primeira de existência e penhor da aliança com a divindade), o Anjo Safado, o Anti-herói da canção de Chico Buarque (19–, Até o fim), marcado pela ironia, a tristeza, a marginalidade, o ridículo e, no exemplo abaixo, pelo inesperado gênero feminino:

O meu Anjo da Guarda é dentuça,
Tem uma asa mais baixa que a outra.

(Quintana, 1984, p.97 – Apontamentos para uma elegia, AHS)

O Anjo Torto (e torto não é justamente o que não é “direito”?) é canhestro, o “Canhoto” do dizer popular, o Diabo, e, na mesma cadeia significativa, é o *gauche* — que quer dizer “desajeitado”, “desastrado”, mas também a “esquerda”, para onde, diz a Bíblia, serão enviados os bodes (os malditos), uma vez separados das ovelhas (os eleitos), no juízo final (Mateus 25:33). São falíveis, céticos, inadaptados e, por isso mesmo, mais humanos que os ex-companheiros que desfrutaram da preferência de Deus. Talvez, por isso, compreendam melhor nossas necessidades e enganos:

Há anjos boêmios que costumam freqüentar esses antros noturnos que são os sonhos dos humanos. São estes que finalmente intercedem por ti. O resto, é dedo-duro.

(Quintana, 1983, p.64 – Comunhão, VH)

A poesia certamente não é “agreste avena” também para os anjos caídos:

Em cima do meu telhado
Pirulin lulin lulin,
Um anjo, todo molhado,
Soluça no seu flautim.

(Quintana, 1984a, p.23 – Canção de garoa, NV)

Molhado de lágrimas, ensopado de chuva, tem acentuada sua condição de “caído” pelo próprio fato de não poder alçar vôo, asas encharcadas. Assim encontramos também, em Quintana, “o anjo depenado [que] tremia de frio” (Quintana, 1988, p.77 – Poema entredormido ao pé da lareira, MQ) e a confissão no poema: “eu ouço música como um anjo doente / que não pode voar” (Quintana, 1984, p.56 – Eu ouço música, AHS). Ora, as asas não distinguem apenas os anjos, mas também gênios e seres demoníacos. Em um ou outro caso, a “adoção parcial do aspecto de um pássaro exprime a pertinência à região do céu, o elevar-se acima do mundo humano através da leveza das plumas” (Biedermann, 1993, p.39 – Grifos do original), para o bem ou para o mal. As implicações simbólicas das asas não anulam, no entanto, a corporiedade da criatura mas, antes, destacam sua capacidade de elevar-se acima daquilo que é terreno. Ver-se privado de voar — das asas — é ser, portanto, excluído de uma existência diversa da humana, é subitamente perceber-se finito, destituído das prerrogativas da imortalidade.

Os anjos nem sempre tiveram asas, nas passagens bíblicas ou na iconografia mais antiga, embora fosse descrito que voavam (Daniel 9:21). Sua representação como seres alados deu-se, provavelmente, a partir da associação à capacidade de voar e da assimilação a Nike, deusa grega da Vitória:

No porta-malas do meu automóvel
levo o anjo escondido... Quando chegamos a um
[descampado,
ele sai lá de dentro, distende as asas, belo como a Vitória
[de Samotrácia...

(Quintana, 1988, p.68 – Passageiro clandestino, MQ)

A seguir essa linha de raciocínio, a ausência de asas, sua mutilação, anomalias ou quaisquer outras situações de limitação de seu uso implicam o significado oposto aos atributos da deusa grega: temos, aqui, a configuração mesma do fracasso, da tristeza, da queda tornada prolongada — senão permanente — do exilado do céu. É o anjo que toca seu flautim, para consolar-se, tão diverso das trombetas festivas do paraíso perdido; é o anjo que perde as penas e humaniza-se, sujeito às sensações e vicissitudes da vida física, transido de frio ou enfermo, assim como o anjo da guarda do poeta, com asas desparelhadas (uma “mais baixa do que a outra”), é mentor de eficácia duvidosa.

O Anjo Caído é, em Quintana, freqüentemente um Anjo *Clown*, ridículo e lírico, patético, como o anjo Malaquias (Quintana, 1975, p.105-6 — O Anjo Malaquias, SF. In: PO) (cujo nome, do hebraico *malaki*, reafirma-lhe dupla e ironicamente a natureza angélica). Prestes a ser devorado pelo Ogre, o até então bebê comum criou asas no último instante, por um milagre de Nossa Senhora. No entanto, ao ganhar asas com que elevar-se, o que daí resulta é o efeito oposto, milagre de vantagem suspeita, imputada ao azar do “beneficiário”:

[...] Dada, porém, a urgência da operação, as asinhas brotavam-lhe apressadamente na bunda, em vez de ser um pouco mais acima, atrás dos ombros. Pois quem nasceu para mártir, nem mesmo a Mãe de Deus lhe vale!

Que o digam as nuvens, esses lerdos e desmesurados cágados das alturas, quando, pela noite morta, o Inocentinho passa por entre elas, voando em esquadro, o pobre, de cabeça pra baixo.

As asas elevam-no para rebaixá-lo, seja pela posição invertida, descendente, que o faz ter a cabeça voltada para a terra, seja pelo ridículo da situação de ter as asas brotando-lhe do traseiro (mais exatamente da “bunda”, palavra de conotação jocosa e pouco polida, acentuando a dessacralização do milagre

através da derrisão)⁷. O caráter ascensional de que poderia ter-se revestido o gesto da Santa (“promovendo” Malaquias, fazendo-o passar da condição humana à angélica) transforma-se em brincadeira de mau gosto, tornando-o um anjo fadado à queda, ao solo, anjo dos derrotados, como ele mesmo, e que com ele se identificam:

E o homem que, no dia do ordenado, está jogando os sapatos dos filhos, o vestido da mulher e a conta do vendeiro, esse ouve, no entrechocar das fichas, o desatado pranto do Anjo Malaquias!

E a mundana que pinta o seu rosto de ídolo... E o empregadinho, em falta, que sente as palavras de emergência fugirem-lhe como cabelos de afogado... E o orador que pára em meio de uma frase... E o tenor que dá, de súbito, uma nota em falso... Todos escutam, no seu imenso desamparo, o choro agudo do Anjo Malaquias!

Embora não se trate de um castigo (é um “Inocentinho”), aponta, contudo, para a indiferença cruel ou a impotência de que o Céu pode às vezes se revestir (por que não teria a Virgem consertado o “erro” com novo milagre?). Céu que também pode ser tedioso, tornando desejáveis, ainda que temporariamente; o Inferno e a Queda, como no diálogo entre o anjo filante de cigarros e o poeta (Quintana, 1987, p.131-132 — Continuação da história do velho, PMT):

— Se não me contares tudo, corto-lhe os cigarros.

Ele engoliu seco, gaguejou:

Mas... mas... não é permitido, o Velho não vai gostar...

Tirei uma longa tragada do meu cigarro e — Deus me perdoe — soprei a fumaça na sua direção.

Pobre de mim! — suspirou ele. — Estou perdido.

⁷ Além de ser área do corpo que, quando atingida, é associada à humilhação, à rejeição: fala-se de “levar um pontapé na bunda”, por exemplo, além de outras expressões bem mais vulgares que designam “levar a pior”.

— Coragem! — animei-o. — Você me disse que o Velho é muito bondoso. Ele saberá compreender.

E o meu vaporoso amigo começou a falar a todo o vapor:

— Sim! o Céu é muito chato mesmo! Por isso o Velho concede cada ano, aos seus funcionários que mais se destacaram no serviço, umas feriazinhas de três semanas no Inferno.

— Não diga!

O Velho é muito legal mesmo. Até para aqueles anjinhos só de asa e cabeça, que vivem esvoaçando e fazendo algazarra, ele acha uma utilidade: servem de ventiladores no Inferno. Pois embora a vida lá seja muito divertida, faz um calor dos diabos. Agora, agora um cigarro!

A “crueldade” celeste é, provavelmente, aquela a comprazer-se no riso invisível ao assistir à agonia do anjo glutão, em “O ovo” (Quintana, 1984a, p.48 – O ovo, NV), que, em lugar de zelar pela Terra, que lhe fora confiada, acaba comendo a última esperança de vida sobre o planeta. Se os Vigilantes cederam à luxúria, na Terra que lhes cabia amparar, este Anjo sucumbe, falível, a outro pecado mortal, a gula. Nenhuma morte romântica ou castigo dramático aguarda-o, porém, mas a agonia vergonhosa e indigna da indigestão; nenhuma queda às profundezas do Tártaro, mas um “cair duro” que atalha e resume, em zombaria, a perda da condição angélica.

De certo modo, o Anjo é equiparado à galinha: ambos com asas, ambos com penas; a ela caberia chocar o ovo; a ele, “chocar” a Terra, zelando por ela e garantindo a continuidade da vida pela preservação do ovo. A própria escolha da ave a ser comparada ao Anjo intensifica o ridículo da situação: nenhuma ave “nobre”, nem pomba da paz, nem águia a planar nas alturas, nem pássaro de fogo, nem fênix a ressurgir das cinzas, mas uma galinha, prosaica, tonta, cujo destino igualmente prosaico, de vir a parar em uma panela um dia, subitamente é investido de uma responsabilidade de que ela não se apercebe e da qual não se encontra à altura.

Igualmente irrefletido, despreparado, o Anjo supostamente guardião considera apenas a gratificação imediata de seus desejos, sem levar em conta a grandiosidade da tarefa que lhe fora confiada. E cai, miseravelmente:

Na Terra deserta
a última galinha põe o último ovo.
Seu cocoricó não encontra eco...
O Anjo a que estava afeto o cuidado da Terra
Dá de asas e come o ovo.
Humm! O ovo vai sentar-lhe mal...
OOVO!
O Anjo, dobrado em dois, aperta em dores o ventre
[angélico.
De repente,
O Anjo cai duro, no chão!
(Alguém, invisível, ri baixinho...)

Quintana retoma o mito da Queda em vários de seus textos e brinca com a idéia, bem-humorado, tratando-a, ainda, num sentido literal. Não se apresenta, aqui, o anjo traidor expulso da bem-aventurança, mas um anjo distraído que deixa cair objetos e se esborracha, provocando prejuízos sem querer (Quintana, 1988, p.151 – Uma história angélica, MQ):

Como eu estivesse agarrado à ponta da estrela, acabou me dando uma dormência, mas afinal consegui sacudir o pé e despreendeu-se um sapato.

Foi cair na cabeça do vigário. Ainda bem que ele não se achava no exercício de suas funções. Estava praticando caridade. E a pobre vítima a quem socorria foi presa por agressão e roubo. [...]

Ah! esses humanos... Não poderiam eles viver sem razões? Ri-me tanto com a coisa que acabei despencando da ponta da estrela. Com o que, ficou tudo resolvido: — eu era precisamente o cadáver que não tinha um sapato!

O “cadáver que não tinha um sapato”, do trecho transcrito, parece ser o que bem resume o tratamento dispensado por Mario Quintana a seus anjos caídos: se os há, alguns

poucos, violentos, sedutores, a maior parte é a de anjos *clown*, como Carlitos de asas, inadaptados, desajeitados, inadequados, anjos inacabados a quem sempre falta alguma coisa — asas, penas, sapatos —, anjos tortos, que caem mais por desequilíbrio que por rebeldia, anjos com pequenos vícios, sonhando em pitar um cigarrinho, desastrados anjos-pastelão, melancólicos anjos-pierrô, tristes, murchos, impossibilitados de voar, anjos perdedores, vulneráveis, dessacralizados, a despertar ternura e riso, compaixão e zombaria, revelando sob as asas desconstruídas todo o seu caráter humano e falível, condição que é igualmente a nossa. E o poeta deixa que seus mensageiros nos falem de toda a fragilidade de se estar no mundo, mortais que aspiram ao divino, mas que não podem escapar às contingências da vida terrena e suas dores, desacertos, tentações e perplexidades.

ABREVIATURAS DOS LIVROS DE MARIO QUINTANA CITADOS

A vaca e o hipogrifo	H
Apontamentos de história sobrenatural	HS
Caderno H	H
Da preguiça como método de trabalho	MT
Esconderijos do tempo	T
Mario Quintana	Q
Nariz de vidro	V
Poesias	O
Sapato florido	F

REFERÊNCIAS

- ANGELS IN SCRIPTURE — <http://www.raphael.net/Scripture/angels.htm>
- BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

- BIEDERMANN, Hans. *Dicionário ilustrado de símbolos*. Trad. Glória Paschoal de Camargo. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- BUARQUE, Chico (Interp.). *O Malandro*. Apres. e Sel. Tárík de Souza. Rio de Janeiro: Polygram, 199—. (5 CDs, Série Chico 50 Anos)
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa Silva et al. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1990.
- CLARK, Arthur, WILLIS, Tony. *Runas*; interpretação, simbolismo e adivinhação. Trad. Ângela do Nascimento Machado. 10.ed. São Paulo: Pensamento, 1995.
- DRUMMOND, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
- MARIO QUINTANA. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico por Regina Zilberman. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- PEIXOTO, Sérgio Alves. A poesia impura de Mario Quintana. In: *Letra*. Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, jan.-jul. 1980.
- QUINTANA, Mario. *Poesias*. Porto Alegre: Globo, 1975.
- _____. *Esconderijos do tempo*. Porto Alegre: L&PM, 1980.
- _____. *Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1983.
- _____. *A vaca e o hipogrifo*. 4.ed. Porto Alegre: L&PM, 1983a.
- _____. *Apontamentos de história sobrenatural*. 3.ed. Porto Alegre: Globo, 1984.
- _____. *Nariz de vidro*. 3.ed. São Paulo: Moderna, 1984a.
- _____. *Da preguiça como método de trabalho*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- RONNER, John. *Você tem um anjo da guarda*. Trad. Fátima Marques. 6.ed. São Paulo: Siciliano, 1995.
- SERRES, Michel. Entrevista em 6 de dezembro de 1999, programa Roda Viva, TV Cultura, conduzida pelo jornalista Paulo Markun.

THE ANGELIC HIERARCHY — <http://www.inil.com/users/edamoth/hier.html>

THE FALLEN HOST — <http://www.inil.com/users/edamoth/fallen.html>